

Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi

Novas tradições: a criação da Capital da Cebola

Eduardo Luiz Formagi*

duformagi@msn.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: este artigo pretende abordar o processo de construção do rótulo de “capital da cebola”, na cidade de Ituporanga (SC). Para isso, mobilizarei a categoria “tradição”, tal como pensada por Eric Hobsbawm (1984). O ponto de vista escolhido para auxiliar esta tarefa é o de um político e empresário, figura de destaque na criação da Festa Nacional da Cebola, que acontece na cidade. A partir de suas memórias, analisarei os motivos que levaram a criação desta tradição, bem como avaliar o impacto do evento neste processo.

Palavras-chave: Tradição; Ituporanga; Cebola; FEXPONACE.

Abstract: this article aims to address the construction process of the label of "capital of onion" in the city of Ituporanga (SC). For this, I will mobilize the category "tradition" as conceived by Eric Hobsbawm. The point of view chosen to assist this task is that of a politician and businessman, a leading figure in the creation of the National Onion Festival, which happens in the city. From his memoirs, I will analyze the reasons that led to the creation of this tradition, and to assess the impact of the event in this process.

Keywords: Tradition; Ituporanga; Onion; FEXPONACE.

Qual a importância de se pensar a tradição? Ir além. Não aceitar que as coisas são assim e sempre foram. Não necessariamente para criticar, mas para compreender as mudanças. É o que pretendo fazer aqui. Partirei da ideia de que a tradição é, como Hobsbawm diz,

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceita; Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com o passado¹.

Mas para que haja uma continuidade, é preciso ter havido um passado para a orientar. Sim, mas basta que esse passado exista na mente das pessoas. Quer dizer, basta que as pessoas acreditem que suas práticas cotidianas estejam fundadas no passado. Se isso acontece, a

*Graduando de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1984, p. 9.



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi

tradição é eficaz. Dentro desta concepção, a tradição vira uma categoria bastante maleável, e o autor fala até em tradição “inventada”. Isso desnaturaliza a tradição, porque deixa claro que aquele conjunto de práticas, que parece fundada em um passado inquestionado, passou a ser utilizado a partir de determinado momento, ou seja, nem sempre foi daquele jeito.

Para ilustrar isto, uso novamente Hobsbawn: “Nada parece mais antigo e ligado a um passado imemorial do que a pompa que cerca a realeza britânica em quaisquer cerimônias públicas de que ela participe. Todavia [...], este aparato, em sua forma atual, data dos séculos XIX e XX.”¹

Não há, entretanto, nenhum tipo de fórmula ou modelo exato para analisar a criação de tradições. Em primeiro lugar, partirei do pressuposto de que este processo pode partir de grupos específicos, numa atitude calculada, ou ainda fruto de ações que esperavam tomar um rumo diferente. Quer dizer, ela pode ser criada conscientemente ou ao acaso. Também considerarei que, ainda que resultado esperado, a consolidação de uma memória tradicional em grupos de atores nunca será controlada por quem a idealizou. A criação da tradição, sob qualquer aspecto, consistirá, no máximo, em dar o “pontapé inicial”, o “tiro de largada”, sendo impossível prever quais sentidos não só algo tradicional, mas qualquer coisa no mundo social irá tomar. E isto justamente porque as pessoas não são passivas, como a própria categoria que usei deixa bem claro, elas atuam, agem e transformam as características estruturais (como as tradições, por exemplo) do mundo social que as cerca. Um autor como Giddens², por exemplo, é fundamental para o desenvolvimento deste ponto de vista, embora nem sempre use as mesmas categorias que usei acima.

Mas, voltando ao assunto, temos inúmeros casos de tradições criadas recentemente, e, muitas vezes, mais perto do que imaginamos. Peguemos as festas que foram criadas na década de 1980 em Santa Catarina, para dar novas opções turísticas para o estado, além das praias do litoral. Wolff & Flores³ citam algumas festas que lembraram a herança alemã do estado. Além da Oktoberfest, pesquisada pelas autoras neste artigo, temos também a Fenarreco, de Brusque, a Kegelfest de Rio do Sul e Fenachopp de Joinville, por exemplo. As

2 GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3ª ed. 2009, p.29

3 FLORES, Maria Bernardete Ramos; WOLFF, Cristine Scheibe. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994/1997, p.162



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi

pesquisadoras dizem que estas festas se apropriam de elementos culturais locais, passando-os por um processo de *bricolage*, ou seja, manipulando-os, excluindo alguns elementos, incorporando outros, para transformar as festas em espetáculos rentáveis.

Essas festas se apoiam em discursos sobre a germanidade. Mas há também outra lógica que orientou a criação de festas, “inventadas” mais ou menos no mesmo período, e que se notabilizam por associar culturas agrícolas (vegetais, cereais, frutas, etc) aos municípios nos quais são realizadas. Um destes casos é o da cidade de Ituporanga, localizada no Vale do Rio Itajaí do Sul, onde acontece a Festa Nacional da Cebola. O objetivo aqui é analisar alguns dos meios fundamentais para o estabelecimento deste rótulo, desta tradição, com destaque para a Festa da Cebola, realizada no município. Nesta análise, não há uma pergunta central, em minha opinião, mas uma série de perguntas que, quando respondidas, levam a outras perguntas. A primeira tarefa deste estudo é mostrar alguns exemplos do uso do rótulo Capital da Cebola. Depois, responder se o cultivo do produto tem uma longa história no município ou se é uma tradição relativamente recente. Depois, procurarei analisar o processo de criação da Festa da Cebola, e responder, por exemplo, porque a cebola foi escolhida para dar nome ao maior evento realizado pela prefeitura municipal? Considerando as limitações desta pesquisa, optei por uma conversa com o prefeito da cidade na época da expansão da festa, mais ou menos em 1985-1986, Gervásio Maciel.

A Capital Nacional da Cebola

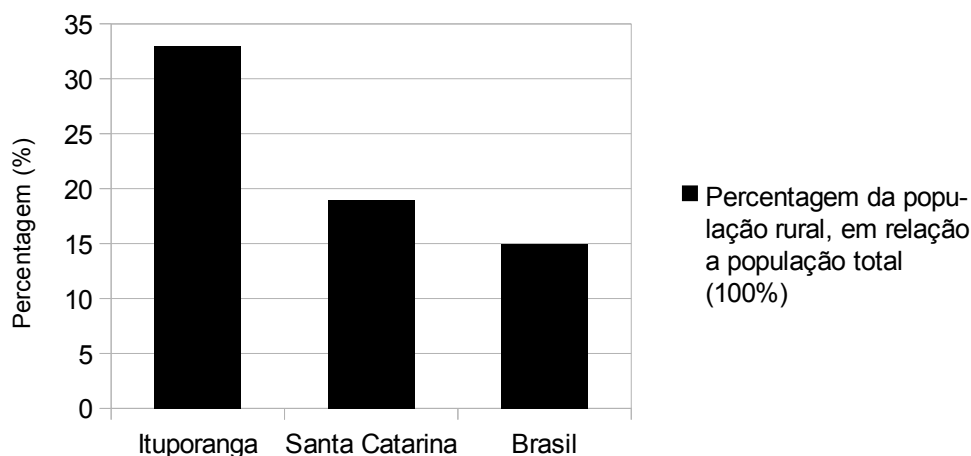
Ituporanga é uma pequena cidade, com 22.250 habitantes, distribuídos sobre 336,929 km², segundo o Censo do IBGE realizado em 2010⁴. A cidade tem um perfil bastante parecido com o das pequenas cidades espalhadas por Santa Catarina. Uma economia que, embora tenha um setor de serviços mais representativo economicamente, tem como base de sua economia a agricultura. Prova disso é que 7.418 pessoas moravam no campo em 2010, ou seja, 33% da população mora no meio rural, percentual significativamente maior do que a média de Santa Catarina, que é de 19% de população rural, e ainda maior se compararmos com a do Brasil, que era de 15% em 2010.

4 Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420850&search=santa-catarina|ituporanga>>, acessado em 01/12/2014.



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi

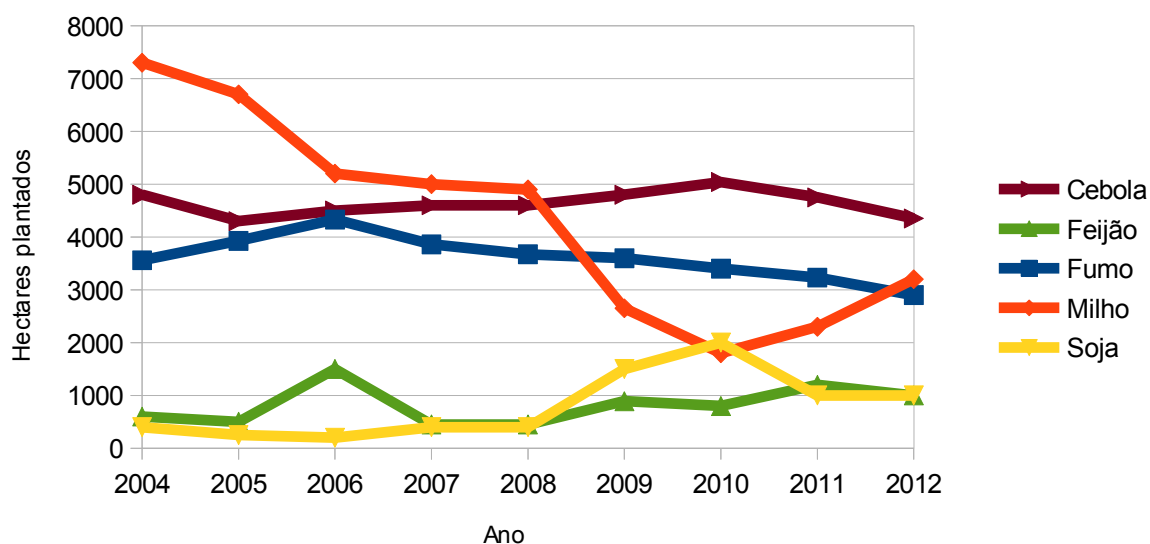
Gráfico 01: Percentagem de população residente rural



Fonte: Censo Demográfico 2010, IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420850&search=santa-catarina|ituporanga>>, acessado em 01/12/2014.

Ituporanga, assim como toda a região ao seu redor, tem condições favoráveis ao cultivo de diversas espécies vegetais, não há uma destas que domine o mercado agrícola da cidade. Desde 2004, primeiro ano no qual há estatísticas do IBGE, temos estes dados:

Gráfico 02: Produção Agrícola de Ituporanga



Fonte: IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420850&search=santa-catarina|ituporanga>>, acessado em 01/12/2014.



Como podemos ver aqui, a agricultura da cidade produz principalmente cebola, fumo e milho, e tem soja e feijão na sequência. Há ainda outros produtos com menor produção, como batata inglesa e trigo, por exemplo. Podemos perceber também que o milho, em 2004, tinha muito mais hectares plantados do que a cebola, mas sofreu uma queda vertiginosa nos anos seguintes, para voltar a crescer apenas em 2011. O fumo, por sua vez, teve uma subida de 2004 até 2006, quando começou a decair lentamente, até 2012, último ano no qual o IBGE disponibiliza estatísticas. A produção da cebola é notável por um aspecto: a constância no período observado. Mudou muito pouco, seja para mais ou para menos, e prova disto é que a maior diferença de hectares plantados nos anos observados é de 740, entre 2005 (4300 hectares) e 2010 (5040) hectares.

Mas, apesar dessa “liderança” da cebola de 2009 para frente, esta não ocorre com larga vantagem. O que quero dizer com tudo isto é que, embora importante, a agricultura ituporanguense não se resume à cebola. Sobre as últimas décadas do século XX, só relatos orais foram encontrados durante a pesquisa. O secretário da agricultura atual, ele próprio agricultor desde muito jovem, contou, em conversa informal, que acompanhou o início da produção de cebola na região no começo da década de 1970. A agricultura já era fundamental desde o começo da colonização do que seria Ituporanga, a vila de Salto Grande, em 1912, e só cerca de 60 anos depois o cultivo de cebola foi introduzido nas propriedades da cidade. Ou seja, é bem provável que o cultivo de cebola em grandes proporções na cidade date de meados da década de 70. Quer dizer, é razoavelmente recente, com relação ao que o comumente (ou seja, em termos de senso comum) se espera de uma atividade “tradicional”.

Mesmo com uma produção recente na cidade, a cebola foi escolhida para ter uma festa em sua homenagem pela prefeitura. Então, em 1981, aconteceu a EXPOCACE (Exposição Catarinense de Cebola), nas dependências da Igreja Matriz Santo Estevão. As três edições seguintes (1982, 1983 e 1984) ocorreram no pavilhão João Carlos Thiesen. Estas quatro primeiras edições aconteceram no centro da cidade. O “pulo do gato” do evento parece ter sido em 1985, quando já chamada de EXPONACE, a festa foi transferida para o recém-construído Parque da Cebola, afastado alguns quilômetros do centro da cidade. Desde então ela tem sido realizada lá, e se tornou muito popular, atraindo turistas de várias partes de Santa



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi
 Catarina e até de fora dele. A edição de 2014, por exemplo, levou cerca de 100 mil pessoas ao Parque em quatro dias de festa, segundo o *website* da Rádio Educadora AM⁵, com uma média de aproximadamente 25 mil pessoas por dia, pouco mais do que a população da cidade.

Tendo na agora Festa Nacional da Cebola seu maior evento turístico, a cidade é muitas vezes referenciada como a “A Capital Nacional da Cebola”, ou “Capital da Cebola”. Um dos três jornais da cidade, o *Vale Sul*, se define como o “caçula dos periódicos da Capital da Cebola”⁶. No *website* da festa, há uma página que fala sobre Ituporanga⁷, e o título do texto já deixa claro a tentativa de construção de identidade a partir da festa: “A Capital Nacional da Cebola”. Ao longo do mesmo, é possível encontrar esta frase: “Ituporanga, como Capital Nacional da Cebola, tem sua economia voltada para a agricultura[...]”.

Ainda sobre isto, a deputada estadual na época da 22ª Festa Nacional da Cebola (2014) Dirce Heiderscheidt⁸, natural de Ituporanga (segundo matéria da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, referenciada ao final do texto) disse, através de sua assessoria de imprensa: “Com uma produção anual de 100 mil toneladas de cebola, não é por acaso que Ituporanga, no Vale do Itajaí, é a Capital Nacional da Cebola. E a Expofeira Nacional da Cebola, que aliou cultura, gastronomia e diversão, confirmou esse título”.

Hobsbawn, no texto já citado, distingue entre dois “modelos” distintos, por assim dizer, de tradições inventadas. Segundo ele, existem tradições que são “criadas” a partir de elementos novos ou recentes, que se transformam facilmente em antigos na mente das pessoas. Também existem as que se utilizam de elementos presentes no passado, remodelando-os, transformando-os, para construir uma nova tradição a partir de elementos antigos⁹.

A Oktoberfest de Blumenau, estudada por Wolff e Flores¹⁰, certamente se encaixa nesta última categoria. Ela foi criada a partir de uma remodelagem das ideias de germanidade. No começo do século XX, alguns dos aspectos que caracterizam os discursos sobre o *deutschtum* (o espírito germânico) por parte dos periódicos teuto-brasileiros, analisados por

5 Disponível em <<http://www.educadora.am.br/noticia/festa-nacional-da-cebola-atraiu-cerca-de-100-mil-visitantes/>>, acessado em 30/10/2014.

6 Disponível em <<http://www.jornalvalesul.com/site/quemsomos>>, acessado em 30/10/2014.

7 Disponível em <<http://www.festanacionaldacebola.com.br/ituporanga.html>>, acessado em 30/10/2014.

8 Disponível em <http://agenciaal.ale.sc.gov.br/index.php/gabinetes_single/dirce-afirma-que-feira-nacional-da-cebola-confirma-titulo-de-capital-da-ceb>, acessado em 30/10/2014.

9 HOBBSAWN, Eric, RANGER, Terence. *Op. Cit.*, p.13-14.

10 FLORES, Maria Bernardete Ramos; WOLFF, Cristine Scheibe. *Op. Cit.*, 1994, p. 209-219



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi Seyferth¹¹, defendiam manifestações germânicas como o uso do idioma alemão, e realizavam uma discussão a respeito das ideias de cultura nacional e cidadania, por exemplo. Quer dizer, havia, segundo os estudos da autora, no Vale do Itajaí, um grupo étnico germanista, e, portanto, uma identidade étnica muito importante no cotidiano das pessoas. Na década de 1980, a germanidade propagada é muito diferente. Ela ainda conserva o uso do idioma alemão, embora em escala muito menor, e divulga o caráter trabalhador do povo alemão. Mas esta volta às origens reveste a germanidade com um caráter lúdico, com o consumo de bebidas e comidas supostamente típicas, e as danças regadas a músicas alemãs.

Mas, como já disse anteriormente, a Festa da Cebola é um pouco diferente. Além de não ser baseada na ideia de *deutschum* (embora Ituporanga tenha tido colonizadores de descendência alemã), ela se apropria de um elemento recente (a produção de cebola), sem evocar nada que remeta ao passado da cidade. Ou seja, ela foi uma invenção que vincula algo recente na cidade a própria identidade da cidade (Capital da Cebola). Temos de ter em mente estas particularidades, para não cometer enganos ao comparar o caso de Ituporanga com o caso de Blumenau, por exemplo, do qual há muitos estudos, que demonstram uma tradição pensada de maneira diferente.

Como mostrei antes, o grande salto que proporcionou o crescimento da festa foi quando ela deixou de ser EXPOCACE e virou EXPONACE, mudando para um parque muito maior, construído principalmente para a realização da festa. Essa mudança aconteceu durante o governo de Gervásio Maciel. O ex-prefeito parece ter sido muito importante para o crescimento do evento, haja vista que até meados de 2014 o parque onde a festa é realizada se chamava “Parque Nacional da Cebola Prefeito Gervásio José Maciel”, e o nome foi retirado apenas por uma lei que impede que locais públicos tenham nomes de pessoas vivas atribuídos a suas denominações¹². Não parece haver ninguém melhor do que este cidadão ituporanguense para dar respostas sobre o processo de criação e consolidação da festa.

Construindo a terra do “coração”

11 SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 214-220.

12 Disponível em <<http://www.rbatv.com.br/noticia-jr/parque-da-cebola-perde-nome-de-gervasio-jose-maciel-9446>>, acessado em 30/10/2014.



Gervásio José Maciel não nasceu em Ituporanga, mas sim em Florianópolis, e chegou muito novo, em 1944, ao que naquela época era Salto Grande, ainda um distrito, e não um município, o que viria a acontecer em 1949. Apesar disto, o entrevistado afirma que é “ituporanguense de coração”, procurando demonstrar uma ligação afetiva com a Capital da Cebola. Segundo ele mesmo, é descendente de alemães, por parte de pai, e de açorianos e indígenas por parte de mãe. Devido as minhas intenções, nos limites deste artigo, não narrarei a história da vida do ex-prefeito, preferindo, ao invés disto, me ater no que ele tem a dizer a respeito da Festa da Cebola e do rótulo de Capital Nacional da Cebola. O que cabe dizer aqui é que ele foi prefeito de Ituporanga de 1983 a 1989, mas, segundo ele mesmo, participou de decisões do governo municipal antes e depois. Ainda hoje, o agora empresário participa ativamente das atividades do partido político do qual é membro.

Dividirei a conversa com o ex-prefeito de Ituporanga em dois tópicos. Primeiro, tratarei da criação e consolidação da EXPONACE. Depois, os motivos pelos quais a festa foi criada, seguida de uma interpretação destes. Por último, as estratégias de divulgação do evento adotadas em seus primórdios.

As conversas sobre a realização de uma festa no município já existiam, segundo o entrevistado, desde o governo municipal de Antônio Vandresen (1973-1977), no qual trabalhou como assessor. Dá-se a entender, segundo o discurso registrado na entrevista, que a cebola já era, nesta época, a cultura agrícola que daria nome a festa. Depois disto, Gervásio Maciel foi candidato a deputado estadual, mas foi derrotado. Nos anos seguintes, quando Leo Muller teve seu primeiro mandato a frente da prefeitura municipal (1977-1983), ele foi convidado para assumir a direção da 1ª EXPOCACE, que foi um grande sucesso. Aqui, o entrevistado diz que “construiu” o pavilhão João Carlos Thiesen (são recorrentes os momentos nos quais ele reivindica a autoria de alguma obra na cidade, seja para ele apenas ou para um “nós”, que ele não diz a quem se refere), onde foram realizadas as três edições seguintes. Em 1983, ele é eleito prefeito da cidade, num mandato que foi até 1989, e que, segundo ele mesmo, trouxe significativas mudanças para a cidade. Com relação a meu objeto de estudo, duas mudanças são significativas. Primeiro, é criada em 1984 a estação experimental da EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) em Ituporanga. O órgão, que na época se chamava ACARESC, dedicava-se (como o



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi
próprio nome diz) a pesquisas envolvendo os principais produtos agrícolas da região. Segundo o ex-prefeito, hoje a cidade é um referência nas pesquisas envolvendo a cebola, tendo inclusive algumas variedades da planta nativas da própria cidade, resultado direto das pesquisas da EPAGRI¹³.

A outra mudança significativa foi a já comentada mudança para o parque afastado do centro urbano do município. Para isto, foi necessário que se desapropriasse um grande terreno, e isto gerou uma grande dívida para a Prefeitura Municipal. Segundo o entrevistado, a festa foi um sucesso gigantesco, gerando cinco vezes mais de lucro do que todo o faturamento da administração municipal durante um ano. Não parecia haver, aqui, uma associação entre a cultura da cebola e o município que justificasse a realização do evento. Quando questionado sobre o porque da escolha da cebola, o ex-prefeito deu uma resposta muito pouco convincente. Ele citou a presença da EPAGRI, mas, como mostrado, a estação experimental só chegou ao município em 1984, e, naquele momento, a Exposição Catarinense de Cebola já havia acontecido. Num momento diferente, ele cita que Ituporanga já foi referência na produção de batata e pecuária suína, o que só comprova a ideia de que a vinculação da cidade como produtora de cebola começa com a festa, aproveitando a aparente ascensão do produto na agricultura municipal no período anterior a realização da festa¹⁴.

Então, era necessária uma propaganda agressiva para que ela tivesse o sucesso esperado. Sobre isto, Gervásio Maciel disse que “mandou” para o Estado inteiro bilhetes da rifa da festa, distribuindo-os entre gerentes de banco, presidentes de sindicato, delegados, etc (o entrevistado não especifica outros atores), os quais ganhariam 20% dos bilhetes que vendessem. Mas, ele afirmou que a exceção eram procuradores e juízes, sem afirmar, contudo, o motivo disto. Um dos prêmios da rifa era um caminhão carregado de cebola, que, segundo o ex-prefeito, foi uma ideia que surgiu para dar “sustentação” à festa. Outro elemento tratado como fundamental para explicar o sucesso, e até mesmo os objetivos do evento, foram os artistas que foram se apresentar lá, muitos deles de reputação nacional. Quando indagado sobre a idealização do rótulo de “capital da cebola”, o entrevistado simplesmente não se preocupou nem proferiu grandes falas, como fizera anteriormente. Ele apenas disse que já

13 MACIEL, Gervásio José. Entrevista concedida a Eduardo Luiz Formagi. Ituporanga, 21 de novembro de 2014.

14 MACIEL, Gervásio José. Entrevista concedida a Eduardo Luiz Formagi. Ituporanga, 21 de novembro de 2014.



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi
existia esta vinculação nas três primeiras edições da festa, quando ela era menor, e que isso foi um meio de “valorizar” a festa, sem, contudo, entrar em detalhes a este respeito. Sem citar outras ações de marketing, ele disse que “não houve em Santa Catarina, e até mesmo no Brasil, quem não soubesse da Festa da Cebola¹⁵”.

Considerações finais

Num certo sentido, a conversa com o ex-prefeito ituporanguense foi muito direta, sem muitos detalhes, tão importantes, seja para a prática historiográfica ou sociológica. Foi um tanto quanto difícil conseguir contatar o entrevistado, porque ele passa pouco tempo na sua empresa, único lugar onde parecia possível encontrá-lo. Mas, quando ficou sabendo da minha intenção, Gervásio Maciel atendeu prontamente, concedendo a entrevista no seu escritório. A conversa foi bastante tranquila, com poucas interrupções, e, como ex-prefeito e pessoa envolvida na política regional (o que foi considerado na análise dos dados), ele tinha muito a falar, e não tive que me preocupar muito em fazer perguntas específicas, pois ele as respondia antes mesmo que eu as fizesse. Logo, apesar da falta de alguns detalhes que poderiam tornar a entrevista ainda mais “rica”, podemos chegar a algumas conclusões, juntamente com as outras etapas da pesquisa, sobre a criação desta associação entre a cebola (e o seu cultivo) e Ituporanga.

Primeiro, parece claro que esta associação, hoje, tem um caráter tradicional. Ou seja, ela é mais do que um produto da agricultura municipal, ela é tratada como o produto municipal por excelência, ainda que os dados relativos à produção agrícola municipal anteriormente mostrem que a ela não é hegemônica, como o rótulo de “Capital da Cebola” parece supor.

Uma das maiores preocupações foi verificar em que momento a produção de cebola se tornou suficientemente relevante para ser identificada como o principal produto municipal. Não é possível demonstrar uma conclusão através de dados estatísticos, devido a falta destes anteriores ao ano de 2004, mas em dois relatos- do secretário da agricultura em 2014, mencionado anteriormente, e de nosso entrevistado, ex-prefeito da cidade ¹⁶- de que o cultivo

15 MACIEL, Gervásio José. Entrevista concedida a Eduardo Luiz Formagi. Ituporanga, 21 de novembro de 2014.

16 MACIEL, Gervásio José. Entrevista concedida a Eduardo Luiz Formagi. Ituporanga, 21 de novembro de



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi
da cebola começou na cidade no começo da década de 70, o que nos remete a uma tradição que se apropria de elementos de um passado muito recente.

Como mostrado antes, a associação entre a cebola e o município ganha força com a festa. Porque era necessário algo que se desse nome a ela. O objetivo sempre foi o sucesso do evento, e não o fortalecimento da “Capital da Cebola”. Esse título não parece ter sido prioridade. Como dito anteriormente, não se pode controlar por inteiro os rumos de nada que envolva relações sociais. Ituporanga parece ter virado a cidade da cebola em parte pelas ações planejadas que levaram a criação da EXPOCACE (hoje FEXPONACE), em parte por uma cadeia de acontecimentos praticamente impossível de ser rastreada ou controlada.

Mas qual seriam os objetivos que o evento deveria alcançar? O primeiro e- a fala de nosso entrevistado sugere- principal motivo para sua realização foi a atração de compradores de cebola para a cidade. Quer dizer, havia uma grande produção de cebola, mas não haviam empresas que comprassem e negociassem o produto na cidade em número suficiente. Ou seja, intenção era consolidar o cultivo da cebola no município¹⁷. Essa preocupação com elementos econômicos é evidenciada quando o sucesso financeiro da primeira EXPONACE é destacado pelo ex-prefeito. Ele fez questão de fornecer uma ideia do lucro que a edição nacional da Exposição de Cebola proporcionou. Como um político atuante no cenário regional, Gervásio Maciel fez questão de citar vários motivos, dizendo que deu importância a “todos” em seu governo. Mas o único no qual ele parecia realmente ter conhecimento eram os motivos econômicos. De fato, a festa foi e continua sendo um enorme sucesso, levando milhares de pessoas ao Parque da Cebola, o que mostra que os idealizadores alcançaram seus objetivos principais, como o de consolidar o cultivo do produto no município.

Visto sob esta ótica, o processo de criação e consolidação da FEXPONACE guarda algumas semelhanças com a Oktoberfest, citada anteriormente. Flores e Wolff¹⁸, assim como Frotscher¹⁹, mostram que a festa de Blumenau foi criada tendo em vista, principalmente, ter o turismo como alternativa para a “reconstrução” da cidade após a enchente de 1983. Porém,

2014.

17 MACIEL, Gervásio José. Entrevista concedida a Eduardo Luiz Formagi. Ituporanga, 21 de novembro de 2014.

18 FLORES, Maria Bernardete Ramos; WOLFF, Cristine Scheibe. *Op. Cit.*, p. 215-216

19 FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: memória, identidade e poder. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. (org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 198-202



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi em Ituporanga, o meio foi diferente, o que nos remete novamente a Hobsbawn²⁰, caracterizando este último caso como uma tradição que foi criada apropriando-se de elementos novos, diferente da primeira, que apela ao passado. Ainda assim, há um ponto em comum: as duas festas visam o lucro. Seja de forma direta, como o evento de Blumenau, ou de forma indireta, com a Festa da Cebola.

A pesquisa que aqui desenvolvi só mostra que nosso evento se inseriu num movimento comum em toda Santa Catarina, de ver as festas municipais como interessantes alternativas de fontes de renda, embora tenham sido desenvolvidas de maneiras distintas, geralmente usando ou da memória da imigração européia, ou de produtos agrícolas municipais. Mas isto não significa, é claro, que este assunto está encerrado. Ainda há muitas coisas a serem ditas a respeito destas festas que proliferaram a partir da década de 1980, porquê, elas, na prática, representam muito mais do que um meio de gerar lucro, podendo ser, por exemplo, como mostramos aqui, uma maneira de criar tradições em âmbito municipal.

Referências

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: memória, identidade e poder. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. (org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

FLORES, Maria Bernardete Ramos; WOLFF, Cristine Scheibe. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.

FLORES, Maria Bernardete Ramos; WOLFF, Cristine Scheibe. Imagens Que Não se Apagam: representações de gêneros na Oktoberfest. *Proj. História*, São Paulo, (14), fev. 1997.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3ª ed. 2009.

MACIEL, Gervásio José. Entrevista concedida a Eduardo Luiz Formagi. Ituporanga, 21 de

20 HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *Op. Cit.*, p.13-14.



Novas tradições: a criação da Capital da Cebola – Eduardo Luiz Formagi
novembro de 2014.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

Recebido em 30 de outubro de 2014
Aceito para publicação em 31 de março de 2015

